

# A NATUREZA DIALÓGICA DA INTERACÇÃO VERBAL: ANÁLISE CONVERSACIONAL DE SEQUÊNCIAS NARRATIVAS EM ALGUNS TEXTOS LITERÁRIOS DO SÉCULO XIX E XXI

MARIA ANTONIETTA ROSSI  
UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DELLA TUSCIA

**Abstract** – The human communicative activity was always determined, over the centuries, by the use of conversational strategies that the interactants put in place in order to exchange information through illocutionary acts, characterized by various discursive and narrative sequences employed to get communicative purposes during the verbal interaction. Through the analysis of four dialogues extracted from two literary Portuguese language works of two different centuries, we demonstrate how the conversational structures of verbal exchanges have not changed over the time, despite the different schools and literary currents that have occurred since the medieval times until the contemporary era. The text chosen are taken from the novels *A queda d'um anjo* and *Amor de perdição: memórias duma família* of Camilo Castelo Branco (1825-1890) and from the contemporary work *Não há coincidências* of Margarida Rebelo Pinto: the choice of these extracts was not random, but taking into account the use of dialogue as a conversational technique, between characters, by these authors who use it in their fiction works in order to involve more actively the reader on the reported events.

**Keywords:** conversation analysis, illocutionary acts, narrative sequences, Camilo Castelo Branco, Margarida Rebelo Pinto.

## 1. A análise conversacional da actividade comunicativa humana

A actividade comunicativa humana sempre foi determinada, ao longo dos séculos, pelo uso de estratégias conversacionais que os interactantes põem em prática para trocar informações através de actos ilocutórios, caracterizados por várias sequências narrativas empregadas conforme os fins comunicativos que os interactantes querem atingir durante a interacção verbal. Sendo a narrativa uma forma básica da actividade linguística humana para veicular e negociar conteúdos, neste artigo será analisado como os interactantes utilizam estratégias conversacionais para realizar sequências narrativas durante a actividade comunicativa, enunciadas a fim de relatar eventos ocorridos no passado aos respectivos interlocutores. Desta maneira, as narrativas orais representam sem dúvida consideráveis meios de sociabilidade, uma vez que permitem estabelecer relações interpessoais e comunicar quer experiências individuais, quer as próprias emoções relativamente ao facto relatado, envolvendo a nível tanto psicológico como emotivo o próprio alocutário durante o jogo dialógico,<sup>1</sup> caracterizado por normas de conduta linguística e conversacional fundamentais

<sup>1</sup> S. Günther 2011, *The Construction of Emotional Involvement in Everyday German Narratives - Interactive Uses of 'Dense Constructions*, in "International Pragmatics Association Pragmatics", 21:4, pp. 573-592.

para que a actividade verbal se desenvolva de maneira linear e cooperativa, segundo o *Princípio de Cooperação* elaborado por P. Grice.<sup>2</sup>

A forma dialogada da interacção humana entre dois ou mais interlocutores determina não apenas as trocas conversacionais orais em contextos comunicativos, tanto formais como informais, mas também o intercâmbio verbal entre as personagens das obras literárias de ficção que foram realizadas ao longo dos séculos, a partir já da famosa *Tensão* da literatura medieval, género poético caracterizado por um debate entre dois ou mais interactantes que apresentam teses em relação a temas diferentes, tal como assuntos de política, de literatura e de questões sobre a vida e o amor.

Apresentando a análise de quatro diálogos exemplificativos, extraídos de duas obras literárias em língua portuguesa pertencentes a dois séculos diferentes, vamos demonstrar como as estruturas conversacionais das trocas verbais não mudaram durante os séculos, apesar das diferentes escolas e correntes literárias que se sucederam desde a época medieval até à época contemporânea. Os trechos escolhidos que serão examinados neste artigo são tirados do romance *Amor de perdição: memórias duma família* e *A queda d'um anjo* de Camilo Castelo Branco (1825-1890)<sup>3</sup> e da obra *Não há coincidências*<sup>4</sup> da autora contemporânea Margarida Rebelo Pinto; a escolha destes excertos não foi casual, mas determinada pelo uso do diálogo como técnica conversacional entre as personagens por parte destes autores que fundamentam as próprias obras de ficção nas trocas conversacionais, envolvendo mais activamente o leitor nos acontecimentos relatados.

## 2. Análise conversacional de diálogos extraídos de obras literárias portuguesas do século XIX e XXI

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, o maior representante da segunda geração do Romantismo em Portugal e prolífico autor de romances que conseguiu viver exclusivamente dos seus escritos literários na segunda metade do século XIX, utiliza frequentemente como técnica narrativa a estrutura dialógica através do discurso directo e de uma linguagem de carácter comum e coloquial, de maneira a tornar mais “realista” a ficção apresentada e conferindo mais dinamismo à novela, juntando o sentimento dramático típico do Romantismo com o estilo sarcástico e o *humor negro*. A mesma técnica de ficção narrativa encontra-se também nas novelas da literatura portuguesa contemporânea, um conjunto de obras heterogéneas que englobam diferentes tendências, mais voltada para a realidade exterior e para as problemáticas sociais actuais: uma das maiores representantes é a autora e jornalista Margarida Rebelo Pinto, cujas novelas representam um grande sucesso de vendas em Portugal.

Partindo dos trechos extraídos das obras acima mencionadas, serão examinadas as estratégias conversacionais que os interactantes/personagens utilizam para criar sequências narrativas durante o rumo discursivo dialógico, como o uso do *discurso directo* (ou *oratio recta*, ou seja o processo de citação de um acto enunciativo assim como foi supostamente proferido por um determinado interlocutor) ou o *discurso indirecto* (ou *oratio obliqua*, ou seja o processo enunciativo através do qual um locutor inclui durante o diálogo outra

<sup>2</sup> Para aprofundamentos sobre os mecanismos de interacção verbal e sobre as máximas teorizadas pelo estudioso P. Grice cf. *Logic and Conversation*, em P. Cole & J. Morgan 1975, *Syntax and semantics*, vol. 3, *Speech acts*, Academic Press, New York, pp. 41-58.

<sup>3</sup> Camilo Castelo Branco 1862, *Amor de perdição: memórias duma família*, N. Moré, Porto e Id. 1866, *A queda d'um anjo*, Imprensa de J.G. de Sousa Neves, Lisboa.

<sup>4</sup> Margarida Rebelo Pinto 2009, *Não há coincidências*, Oficina do Livro, Alfragide.

voz diferente da própria),<sup>5</sup> que conferem heterogeneidade linguística aos enunciados gerando, desta maneira, o fenómeno comunicativo que o filósofo russo M. Bakhtin define com a expressão de *Polifonia linguística*.<sup>6</sup> O exame dos textos visa demonstrar, por conseguinte, como as actividades comunicativas permitem estabelecer relações interpessoais e intersubjectivas entre os relativos interactantes, os quais negociam e veiculam conteúdos semânticos de maneira colaborativa,<sup>7</sup> uma vez que cada participante produz actos de fala respeitando específicas estratégias conversacionais para atingir determinados fins comunicativos e para envolver o relativo alocutário na interacção verbal, facto que torna a própria comunicação uma actividade dialogal caracterizada por uma multiplicidade de vozes que se alternam reciprocamente, durante o rumo discursivo, através dos turnos de fala (*turn taking*).

A estrutura endógena de qualquer actividade conversacional humana baseia-se, por conseguinte, num sistema interactivo dialogal, uma vez que cada interlocutor realiza alternadamente os actos de fala, desempenhando quer a função de locutor, quer a função de alocutário.<sup>8</sup> Sob este ponto de vista, a comunicação representa uma actividade social e pragmática comum, determinada pelo intercâmbio dos relativos papéis conversacionais, durante a qual cada interactante realiza os enunciados conforme a própria competência comunicativa, que depende inevitavelmente quer da experiência conversacional de cada falante, quer duma ampla variedade de factores (como a idade, o estatus social, a profissão, o grau de estudo, o sexo e o contexto situacional), dando origem a estilos conversacionais diferentes (ou condição de *Heteroglossia*),<sup>9</sup> facto que determina portanto a heterogeneidade da comunicação.

A natureza dialógica da conversação é caracterizada então pela combinação de vozes diferentes que dão origem, em conjunto e de maneira recíproca, à produção linguística dos enunciados, trocando durante o jogo interactivo informações, ideias, emoções e estados de ânimo através de sequências discursivas composicionais de diferente tipologia, como *narrativas* e *descritivas* (para relatar eventos ocorridos no passado) ou *argumentativas* (como em caso de discussões e debates), determinando desta maneira a heterogeneidade da relativa actividade conversacional. Além disso, é fundamental ter em conta também a tipologia de linguagem empregada por cada interactante, uma vez que reproduz diferentes perspectivas e visões do mundo a nível quer social, quer individual, fenómeno que o estudioso Bakhtin define com o termo de *Dialogismo*, ou seja o mecanismo colaborativo que determina o rumo discursivo do enunciado que o locutor e o alocutário activam para negociar significados, respeitando padrões social e culturalmente conotados: o jogo dialogal é caracterizado por uma troca recíproca de conteúdos semânticos, condição que o sociólogo Goffman denomina *footing*.<sup>10</sup>

Graças à análise conversacional que será apresentada, vamos demonstrar quais são as técnicas discursivas frequentemente empregadas para a construção das sequências

<sup>5</sup> Cfr. Ronald K. S. Macaulay 1987, *Polyphonic Monologues: quoted direct speech in oral narratives*, in "IPRA, Papers in Pragmatics 1", nº 2, pp. 1-34.

<sup>6</sup> M. Bakhtin 1993, *Toward a Philosophy of the Act*, University of Texas Press, Austin.

<sup>7</sup> Para aprofundamentos sobre os mecanismos de interacção verbal e sobre o *Princípio de Cooperação* que regula a conversação, cfr. P. Grice 1975, *Logic and Conversation*, em Peter Cole e J. Morgan, *Syntax and semantics*, vol. 3, *Speech acts*, Academic Press, New York, pp. 41-58.

<sup>8</sup> Francis Jacques 1983, *La mise en communauté de l'énonciation*, em "Langages", nº 70, vol. 18, pp. 47-71.

<sup>9</sup> Segundo o filósofo russo M. Bakhtin, a *Heteroglossia* é o fenómeno linguístico através do qual a diversidade social se manifesta na linguagem empregada pelos interactantes durante uma actividade comunicativa.

<sup>10</sup> Erving Goffman 1969, *Strategic Interaction*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia.

narrativas dialogais, como o uso do *Storytelling*<sup>11</sup> (estratégia comunicativa que consiste em contar quer histórias pessoais e íntimas, quer histórias relativas a determinadas pessoas, sobretudo próximas dos interlocutores, facto que envolve inevitavelmente cada interactante a nível tanto emotivo como social) para suscitar altas emoções e para conferir mais veridicidade aos próprios actos enunciativos, elementos conversacionais que o próprio Goffman define *Estigmas dos Indivíduos*,<sup>12</sup> expressando o estado emotivo/psicológico do locutor perante a situação enunciativa e o assunto principal do discurso.<sup>13</sup> A estrutura dialógica de uma conversação é frequentemente caracterizada, portanto, pela produção de sequências narrativas, através das quais os interlocutores introduzem vozes diferentes na cadeia interactiva dos actos de fala, dando origem à arquitectura polifónica da comunicação frente a frente.

O primeiro excerto escolhido, extraído do romance *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco, apresenta um diálogo entre o dono de casa (*Simão*) e o relativo doméstico:

– Na semana adiante, quando soube que o senhor Baltasar (raios o partam!) tinha saído de Viseu, fui falar com o senhor corregedor, e contei-lhe tudo como se passara. O senhor corregedor esteve a cismar um pouquinho, e disse-me, e vossa senhoria há de perdoar por eu lhe dizer o que seu pai me disse, tal e qual.

– Diga.

– Seu pai começou a esfregar o nariz, e disse-me: – "Eu sei o que é isso. Se aquele brejeiro de meu filho Simão tivesse honra, não olharia para a prima desse assassino. Cuida o patife que eu consentia que meu filho se ligasse a uma filha de Tadeu de Albuquerque Ainda disse mais coisas que me não lembram; mas eu fiquei sabendo tudo. Ora aqui tem o que houve. Agora apareceu-me aqui vossa senhoria, e a noite passada foi a Viseu. Perdoará a minha confiança: mas vossa senhoria foi falar com a tal menina; e eu estive vai não vai a segui-lo; mas, como ia meu cunhado, que é homem para três, fiquei descansado. Ele contou-me um encontro que vossa senhoria teve à porta do quintal da menina. Se lá torna, senhor Simão, vá preparado para alguma coisa de maior. Eu bem sei que vossa senhoria não é medroso; mas duma traição ninguém se livra. Se quer que eu vá também, estou às suas ordens; e a clavina que deu polícia ao almocreve ainda ali está, e dá fogo debaixo de água, como diz o outro. Mas, se vossa senhoria dá licença que eu lhe diga a minha opinião, o melhor é não andar nessas encamisadas. Se quer casar com ela, vá pedir a seu pai licença, e deixe o resto cá por minha conta; ponto é que ela queria que eu, num abrir e fechar de olhos, atiro com ela para cima duma égua de chupeta. que ali tenho, e o pai e mais o primo ficam a ver navios.

– Obrigado, meu amigo – disse Simão – aproveitarei os seus bons serviços quando me forem necessários.

(Branco 1862, pp. 33-34)

A conversa põe claramente em evidência a distância social e económica que existe entre os dois interlocutores, através do uso de formas de respeito e de polidez linguística empregadas por parte do mesmo doméstico (*Vossa Senhoria, Senhor Simão*) e por fórmulas estereotipadas de cortesia (*Vossa Senhoria há de perdoar; Perdoará a minha confiança; Se Vossa Senhoria dá licença que eu lhe diga a minha opinião*), caracterizadas por uma fixidez expressiva que é típica da cortesia convencional utilizada durante as actividades conversacionais entre interactantes pertencentes a classes sociais diferentes. O uso de tais fórmulas estereotipadas gera o fenómeno linguístico que o estudioso Bakhtin, anteriormente mencionado, define com o termo de *Heteroglossia*, quer dizer o fenómeno conversacional

<sup>11</sup> Evi Kafetzi 2009, *Aspects du dialogisme interdiscursif et interlocutif dans le débat politique télévisé*, em Mur C. ("ed."), *Polyphony and Intertextuality in Dialogue*, Dialogue Analysis XII, Barcelona, 2009, pp. 34-43.

<sup>12</sup> Erving Goffman 1969, *Strategic Interaction*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia.

<sup>13</sup> J. L. Austin 1962, *How to do Things with words*, Clarendon Press, Oxford.

que mostra a diversidade social dos interactantes por meio da linguagem empregada durante o jogo interaccional.

Com um acto de fala assertivo, que caracteriza a primeira parte do diálogo, o doméstico narra a conversa tida com o Senhor corregedor – pai do mesmo dono – a propósito do casamento do Simão com a filha de Tadeu de Albuquerque, utilizando como estratégias discursivas quer o discurso indirecto quer o discurso directo, empregando frequentemente o verbo declarativo *dizer*. O locutor emprega a *oratio obliqua* relatando os factos em ordem cronológica e na terceira pessoa do singular, utilizando quer tempos verbais específicos relativos à esfera temporal do passado como o pretérito perfeito (*soube, fui, contei, esteve, disse, começou, foi, estive, fiquei, teve, deu*) e o imperfeito (*consentia, ia, queria*), quer elementos espaço-temporais (*na semana seguinte, quando*) cuja finalidade comunicativa consiste em introduzir e conduzir o alocutário no contexto situacional recriado. Além disso, para reconstituir a nível visual o contexto conversacional de referência, o locutor descreve minuciosamente a postura e a atitude do próprio interlocutor (*Senhor corregedor*), fornecendo portanto elementos cinésicos e extra-linguísticos (*O Senhor corregedor esteve a cismar um pouquinho; Seu pai começou a esfregar o nariz*) que conferem mais veracidade aos enunciados relatados. Uma vez que a intenção comunicativa do locutor consiste em referir ao próprio alocutário (*Simão*) a opinião negativa do pai em relação ao futuro casamento, o doméstico emprega como estratégia conversacional o uso da *oratio recta*, ou seja transmite de maneira exacta e fiel o enunciado proferido em primeira pessoa pelo Senhor corregedor (*E disse-me: - "Eu sei o que é isso. Se aquele brejeiro de meu filho Simão tivesse honra, não olharia para a prima desse assassino. Cuida o patife que eu consentia que meu filho se ligasse a uma filha de Tadeu de Albuquerque*) sem aplicar alterações sintácticas ou linguísticas, estratégia por ele utilizado quer para conferir mais autoridade e veracidade ao acto de fala pronunciado, quer para recriar a situação contextual autêntica do discurso de referência. Além disso, podemos afirmar que o locutor utiliza o discurso directo a fim de suscitar no alocutário, a nível emotivo, um senso de respeito ante as palavras do pai, reportando também com fidelidade as palavras de desprezo pronunciadas pelo Senhor corregedor (*Se aquele brejeiro de meu filho Simão tivesse honra, não olharia para a prima desse assassino*), para que o dono mude de ideia. De facto, para persuadir o alocutário a evitar uma situação familiar de contraste, o locutor utiliza um acto ilocutório directivo dando conselhos pessoais para resolver o assunto, utilizando sempre fórmulas de delicadeza e polidez linguística (*Mas, se vossa senhoria dá licença que eu lhe diga a minha opinião, o melhor é não andar nessas encamisadas*), de modo a manter o equilíbrio interaccional entre as faces durante a respectiva conversação. O emprego do discurso directo neste excerto é fundamental, uma vez que confere mais autenticidade às palavras proferidas pelo pai do Simão, envolvendo emotivamente o alocutário durante o rumo discursivo.

O segundo diálogo, extraído da mesma obra acima mencionada, apresenta um diálogo entre dois interlocutores, o senhor Simão e o capitão, interacção verbal em que é evidente a construção de sequências narrativas através do discurso quer directo quer indirecto:

O capitão prosseguiu:

– Quando em Miragaia me contaram a morte daquela senhora, pedi a uma pessoa relacionada no convento que me levasse a ouvir de alguma freira a triste história. Uma religiosa ma contou; mas eram mais os gemidos que as palavras. Soube que ela, quando descíamos na altura do Oiro, proferia em alta voz: - "Simão, adeus até à eternidade!" - E caiu nos braços duma criada. A criada gritou, e outras foram ao mirante, e a trouxeram meia-morta para baixo, ou morta, melhor direi, que nenhuma palavra mais lhe ouviram. Depois, contaram-me o que ela penara em dois anos e nove meses naquele mosteiro; o amor que ela lhe tinha, e as mil mortes que ali padeceu,

de cada vez que a esperança lhe morria. Que desgraçada menina, e que desgraçado moço o senhor é!

– Por pouco tempo... - disse Simão, como se o dissesse a si próprio, ou a própria imaginação estivesse dialogando consigo.

(Branco 1862, p. 139)

Neste excerto, o capitão relata ao respectivo alocutário (*Simão*) a triste história de uma mulher, apaixonada pelo próprio Simão, com um acto de fala assertivo e expressivo, relatando os factos através da *oratio obliqua*: o locutor respeita a sucessão lógica e temporal dos eventos empregando específicos tempos verbais que se referem ao momento da enunciação, como o pretérito perfeito (*contaram, pedi, contou, soube, caiu, gritou, trouxeram*) e o imperfeito (*eram, proferia, tinha*). Além disso, para introduzir o interlocutor no contexto enunciativo relatado, o locutor utiliza também determinados conectores espaço-temporais (*quando, depois*), elementos que são necessários para conferir coerência e coesão aos enunciados produzidos. Quanto às estratégias conversacionais empregadas para envolver emotivamente o alocutário, o capitão relata os acontecimentos utilizando, por um lado, específicos verbos (*caiu nos braços, a criada gritou, penara, padeceu*) e adjectivos (*triste história, a trouxeram meia-morta, desgraçada menina*) para suscitar no próprio interlocutor emoções como piedade, misericórdia e pena pela morte da mulher e, por outro lado, introduzindo no discurso comentários pessoais para recriar o contexto autêntico da enunciação (*mas eram mais os gemidos que as palavras*), reforçando ainda mais a atmosfera triste que caracteriza o relato desta história. Neste evidente exemplo de *Storytelling* - estratégia comunicativa que consiste em contar histórias pessoais e íntimas relativas a determinadas pessoas (ou *Estigmas dos Indivíduos* segundo Goffman) - podemos observar também o uso da *oratio recta* ("*Simão, adeus até à eternidade!*") para recriar de maneira real e fiel quer o estado psicológico e emotivo da mulher, quer o contexto situacional dos enunciados relatados.

Semelhantes estratégias conversacionais aparecem também no terceiro diálogo escolhido, extraído da obra *A queda dum Anjo* do mesmo autor português:

– Então quem é esta senhora, que me procurou?

– Eu só sei dizer, respondeu D. Thomazia, que é uma creatura linda, linda quanto se póde ser!

– Como assim?! atalhou Calisto, retendo uma lasca de presunto entre os dentes molares, pois ella não é aviuva de um tenente general, que naturalmente havia de morrer velho?

– Póde ser que elle morresse velho; mas a viuva o mais que póde ter é trinta annos.

– E com que então galante?

– É uma imagem de cera. V. ex.a ha de vê-la. E então elegante! A cintura cabe aqui, proseguiu D. Thomazia, formando um anel com dois dedos. Eu, quando ouvi parar uma carruagem, cuidei que era v. ex.ª vim abrir as portas do escriptorio. A senhora veio subindo, e puchou á campainha. Eu espreitei lá de cima, e, a fallar verdade, lembrei-me se seria a sua esposa, que lhe quisesse fazer uma agradável surpresa. Perguntou-me ella pelo sr. Barbuda de Benevides, e foi entrando comigo para a sala. Levantou o véo, e disse: «Não está em casa?» Que voz, sr. morgado, que voz de creatura aquella!

– E isso a que horas foi? atalhou Calisto. Era por noite alta?

– Não, meu senhor. Eram seis horas da tarde. V. ex.a tornou ás oito, mas saiu logo; e, quando eu voltei de fazer uma visita, já o não achei para lhe dar esta noticia.

– E depois a senhora que mais disse?

– Mostrou-se pesarosa de o não encontrar, e prometeu de voltar hoje às tres horas.

(Branco 1866, p. 100)

Tal interacção comunicativa, caracterizada pelo par adjacente *pergunta/resposta*, baseia-se na troca de informações entre os dois interactantes: o dono Calisto e a doméstica Thomazia. Tal como no primeiro diálogo acima analisado, a distância social e económica que existe entre os dois interlocutores reflecte-se no uso pragmático da linguagem, através de formas de cortesia e de polidez linguística utilizadas sobretudo por parte da doméstica (*Vossa*

*Excelência; Senhor morgado; Meu Senhor*) no momento de relatar o que aconteceu às seis horas da tarde quando o dono não estava em casa. Durante o jogo interactivo, Calisto quer saber todas as informações possíveis sobre a mulher que foi visitá-lo através do uso de perguntas directas encadeadas (*Quem é esta senhora, que me procurou?; E com que então galante?; E isso a que horas foi?; Era por noite alta?; E depois a senhora que mais disse?; Que voz de criatura aquela*), que mostram claramente um evidente estado emotivo de preocupação, às quais o alocutário (*D. Thomazia*) tenta responder fornecendo muitos detalhes para descrever a misteriosa hóspede. Em primeiro lugar o interlocutor fornece, com actos de fala expressivos, indícios para descrever fisicamente a mulher, utilizando como estratégia discursiva a *oratio obliqua* na terceira pessoa do singular e expressões estereotipadas e hiperbólicas para suscitar no respectivo alocutário a imagem de uma criatura angélica (*É uma creatura linda; A viuva o mais que pode ter é trinta anos; É uma imagem de cera; E então elegante!; A cintura cabe aqui*). Apesar de o interlocutor relatar um facto já acontecido, na primeira parte do relato não emprega tempos verbais relativos ao passado como acontece normalmente na construção das sequências narrativas, mas utiliza o presente do indicativo para atingir um determinado fim comunicativo: de facto, o locutor quer enfatizar o próprio estado de ânimo de estupor e de maravilha ante a beleza da mulher, condição emotiva que tenta transmitir ao relativo alocutário de maneira que ele possa visualizar mentalmente uma imagem fiel e verdadeira da pessoa mencionada. Pelo contrário, na segunda parte do relato, o locutor narra os factos fornecendo informações adicionais em ordem cronológica e empregando tempos verbais específicos da esfera temporal do passado como o pretérito perfeito (*ouvi, cuidei, vim, veio, puchou, espreitei, perguntou, foi, levantou, disse, mostrou-se, prometeu*) e o imperfeito (*era, eram*). Além disso, o locutor utiliza como estratégia conversacional também a *oratio recta* (*“Não está em casa?”*) para referir as palavras exactas pronunciadas pela mulher, meio discursivo utilizado a fim de vivificar ainda mais a imagem da protagonista recriada com as estruturas lexicais acima mencionadas, tornando assim mais autêntico o relato dos factos ante o respectivo alocutário.

Finalmente, podemos encontrar as mesmas estratégias discursivas também em obras da literatura portuguesa contemporânea, como na novela *Não há coincidências* da autora Margarida Rebelo Pinto. A tipologia de conversação aqui proposta mostra o jogo interactivo entre os dois interlocutores, baseado no par adjacente *pergunta/resposta*:

- Ouve lá... não te chateies comigo, mas há mais de meia dúzia de anos que ando para te fazer esta pergunta... tu és paneleiro?
- O Afonso ficou com o garfo espetado no ar e a boca aberta, paralisado com a minha pergunta.
- Mas tu estás doida ou quê? Eu adoro mulheres!
- Eu sei que adoras mulheres, mas uma coisa não invalida a outra. Desculpa ser tão directa, mas não me respondeste: és paneleiro?
- Ó Vera, francamente... eu... eu nem percebo que pergunta é essa.... como é que tu podes pensar que... enfim.... porque é que me perguntas isso?
- Porque sei que a Maria acabou tudo contigo quando teve suspeitas de que podias dar para os dois lados. Foi uma situação horrível e até um bocado assustadora. Na altura ela desabafou comigo, e depois nunca mais tocou no assunto e eu também não voltei a falar nisso, como é óbvio.
- E o que é que lhe disseste?
- Disse-lhe que achava isso um disparate, que nunca tinha detectado em ti qualquer indício que me levasse a pôr tal hipótese.
- E ela?
- Ela respondeu que isso nunca lhe tinha passado pela cabeça, mas que lhe tinham dito que tu eras paneleiro, que a informação vinha de uma fonte segura e...
- E quem era essa fonte segura?- o Afonso arrumou os talheres e ficou da cor da toalha, que é branca. Apeteceu-me carregar no *rewind* e rebobinar a existência antes de ter feito a pergunta fatal, mas já era tarde, a bola de neve iniciara a descida. Respirei fundo para poder continuar.
- Era outro paneleiro.

- Outro??? - O Afonso está a irritar-se. Daqui a nada levanta-se e dá-me um estalo.  
 – Desculpa, não é isso que quis dizer. O que quis dizer é que a informação lhe chegou aos ouvidos por um tipo que era *gay*, e nem sequer foi directamente, foi alguém que disse à Mónica, irmã dela.  
 (Pinto 2009, pp. 119-120)

Este excerto representa um diálogo interaccional entre os dois participantes (*Afonso* e *Vera*), caracterizado por uma linguagem extremamente informal e coloquial, facto que demonstra o nível de proximidade social que existe entre os respectivos interactantes. O jogo interaccional aparece muito dinâmico e activo, uma vez que a unidade mínima que constitui esta interacção é o par adjacente *pergunta/resposta*. O rumo discursivo desta actividade conversacional é, de facto, muito animado, uma vez que o locutor (*Vera*) emprega uma pergunta directa para saber se o próprio alocutário (*Afonso*) é homossexual, dando portanto origem ao fenómeno da descortesia verbal através de um *Acto Ameaçador da Face* que prejudica inevitavelmente a imagem positiva do interlocutor. De facto, o conceito e o respeito da *cortesia verbal*<sup>14</sup> é fundamental para o bom êxito de qualquer actividade comunicativa: segundo a estudiosa Escandell Vidal, as normas comunicativas e sociais partilhadas pelos membros pertencentes ao mesmo grupo determinam o rumo discursivo entre os interlocutores, de maneira que se estabeleça um equilíbrio interaccional entre as *faces* dos relativos interactantes. A cortesia representa, portanto, um conjunto de regras e princípios, variáveis conforme o sistema cultural de referência, que permitem estabelecer entre o locutor e o alocutário uma relação interpessoal durante o acto conversacional, circunstância em que cada participante tenta preservar e manter uma determinada identidade ou imagem social, definida *face* pelo estudioso Goffman.<sup>15</sup> Como o sociólogo sustenta na obra *On Face-Works*,<sup>16</sup> cada ser humano possui duas faces que estão em jogo durante as actividades comunicativas, uma positiva e outra negativa: a primeira está ligada ao desejo de reflectir uma imagem pública positiva de si próprio - conceito fortemente relacionado com a autoestima - e a segunda está ligada ao desejo de não ser contradito ou humilhado por parte dos interlocutores. Sob este ponto de vista, a comunicação é um jogo de *figuração* (ou *face-work*), uma vez que cada falante trabalha durante a interacção verbal para salvar a própria face e para respeitar, ao mesmo tempo, a imagem do respectivo interlocutor. Por conseguinte, como afirma Robin Lakoff,<sup>17</sup> a cortesia é um sistema de relações interpessoais que facilitam a interacção conversacional, minimizando eventuais situações de conflito que poderiam prejudicar a face de cada interlocutor. Quando os interactantes utilizam estratégias comunicativas que geram situações de contraste e de oposição entre os interlocutores, tal como acontece no diálogo apresentado, originam-se situações conversacionais de descortesia que podem ameaçar a preservação da face positiva do interlocutor.

Embora o Afonso tente salvaguardar a própria face com actos de fala expressivos (*Mas tu estás doida ou quê?*) e declarativos (*Eu adoro mulheres!*) empregando um léxico muito coloquial, não responde de maneira clara, facto que leva a Vera a lhe dirigir novamente a pergunta (*Desculpa ser tão directa, mas não me respondeste: és paneleiro?*), circunstância que altera decerto o equilíbrio conversacional entre os dois interactantes; o Afonso, em vez de responder negativamente e preservar a própria face, quer saber a razão pela qual a Vera está a perguntar-lhe esta coisa (*Porque é que me perguntas isso?*). A este ponto da interacção, o interlocutor explica as próprias motivações relatando, através do

<sup>14</sup> M. Escandell Vidal 1996, *Introducción a la pragmática*, Ariel, Barcelona.

<sup>15</sup> Erving Goffman 1956, *The Presentation of Self in Everyday Life*, University of Edinburgh, Edinburgh.

<sup>16</sup> Erving Goffman 1955, *On Face-Works: An analysis of ritual elements in social interaction*, em "Psychiatry: Journal of Interpersonal Relations", 18:3, pp. 213-231.

<sup>17</sup> Robin Lakoff 1990, *Talking Power: The Politics of Language in Our Lives*, HarperCollins, Glasgow.



discurso indirecto na terceira pessoa do singular, as informações que ela conhece a propósito do fim da relação entre o Afonso e a Maria. Através do uso do *Storytelling* e da *oratio obliqua*, o interlocutor narra como a ex-namorada do alocutário contou-lhe os factos empregando, por um lado, tempos verbais relativos à esfera temporal do passado como o pretérito perfeito (*acabou, teve, foi, desabafou, tocou, disse, respondeu, chegou*) e o imperfeito (*podias, achava, eras, vinha, era*) e, por outro lado, termos lexicais que expressam o estado emotivo de perturbação e de surpresa da Vera ante a notícia aprendida (Foi uma situação *horrível* e até um bocado *assustadora*). Neste caso, o interlocutor utiliza como estratégia discursiva apenas a *oratio obliqua*, utilizando principalmente os verbos declarativos *dizer* e *responder* e narrando com poucos detalhes a situação enunciativa originária por uma questão de delicadeza conversacional: a Vera não emprega, de facto, o discurso directo relatando explicitamente os enunciados proferidos por Maria, estratégia empregada para salvaguardar a face do alocutário (Afonso) ante uma situação íntima e pessoal extremamente espinhosa para ele. De facto, a Vera narra com um acto de fala declarativo e expressivo como ela própria não acreditasse naquela história, salvaguardando desta maneira a imagem do relativo alocutário - anteriormente ameaçada - com um *Acto Valorizador da Face* (*Disse-lhe que achava isso um disparate, que nunca tinha detectado em ti qualquer indício que me levasse a pôr tal hipótese*). A seguir, a Vera narra como a Maria aprendeu da presumível homossexualidade do Afonso utilizando novamente como estratégia comunicativa o discurso indirecto, evitando pronunciar as palavras exactas das sequências enunciativas para evitar uma reacção emotiva e psicológica demasiado agressiva por parte do mesmo alocutário (*O que quis dizer é que a informação lhe chegou aos ouvidos por um tipo que era gay, e nem sequer foi directamente, foi alguém que disse à Mónica, irmã dela*).

Podemos afirmar que este último diálogo examinado mostra claramente um típico exemplo de *Polifonia Linguística*, uma vez que durante a interacção dialogal alternam-se vozes diferentes, pertencentes quer aos dois participantes (*Afonso* e *Vera*), quer a personagens não presentes durante a troca conversacional, mas que são introduzidas nas sequências discursivas através da *oratio obliqua* (*Maria* e o *informador "gay"*).

### 3. Conclusões

À guisa de conclusão, podemos afirmar que qualquer tipologia de interacção verbal é caracterizada por uma estrutura endógena dialogal, actividade interactiva durante a qual se estabelece uma relação de tipologia interlocutória entre os participantes, os quais partilham quer estratégias de conversação, quer os padrões linguísticos do grupo social de referência que são culturalmente conotados. A natureza dialógica da conversação – como verificámos no estudo apresentado neste trabalho – implica uma combinação de *vozes* diferentes que dão origem, juntamente, quer ao processo de produção linguística dos enunciados, quer ao processo de compreensão e de interpretação das sequências discursivas através de complexos mecanismos tanto cognitivos como hermenêuticos. Os interactantes de uma acção verbal, em contextos tanto institucionais como informais, aplicam estratégias e normas de conversação que caracterizam a própria conduta comunicativa durante o rumo discursivo, princípios fundamentais para que o jogo interaccional seja uma actividade colaborativa e fortemente activa através do trabalho de figuração (*Face Work*) – que põe em jogo a imagem pública e a face positiva dos interactantes – e dos turnos de fala (*Turn Taking*) que regulam a conduta conversacional e a progressão temática da acção comunicativa de referência. Graças à análise dos diálogos apresentados neste trabalho, foi também possível ver como a cortesia (ou descortesia) verbal regula qualquer tipologia de

conversaço, tanto formal como informal, favorecendo a mútua negociaço de conteúdos entre o locutor e o alocutário. Desde esta perspectiva, a comunicaço é, por conseguinte, uma actividade complexa a nível tanto linguístico, como cognitivo, uma vez que se baseia no uso de estratégias que permitem a colaboraço verbal entre os interactantes, os quais negociam significados (explícitos ou implícitos) partilhando quer o contexto enunciativo, quer parâmetros social e culturalmente conotados. Em conclusão, podemos afirmar que a comunicaço não é uma actividade mecânica e passiva, uma vez que se baseia em mecanismos de participaço e de interpretaço/descodificaço das mensagens veiculadas que permitem estabelecer um equilíbrio interaccional entre os participantes da interacço verbal.

## Referências bibliográficas

- Adam J.M. 2001, *En finir avec les types de textes*, em Ballabriga, M. (Org.), *Analyse des discours. Types et genres: Communication et interprétation*, EUS, Toulouse.
- Andorno C. 2009, *Linguistica Testuale. Un'introduzione*, Carocci, Roma.
- Alfonzetti G. 2009, *I complimenti nella conversazione*, Editori Riuniti, Roma.
- Almeida, C. A. 2008, *O 'envolvimento conversacional' no momento de desenvolvimento de interações verbais na rádio: sequências de actos ilocutórios e 'estratégias de alinhamento' em programas de rádio específicos*, em Frota, Sónia & Santos, Ana Lúcia, *Textos seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Évora, 1-3 de Outubro de 2007*, Colibri, Lisboa, pp. 7-21.
- Almeida, C. A. 2010, "(...) é um rapaz cheio de sorte, digo-lhe já (risos)": o humor como estratégia discursiva de mitigação do conflito (potencial) em interações verbais na rádio em Brito et al., *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, APL, Porto, pp. 127-142.
- Almeida, C. A. 2010, "se à sua imagem corresponder a beleza da sua voz, é fácil imaginar a razão pela qual não nos dá o sono nestas duas horas" (ouvinte do programa 'Boa Noite'): a co-construção do sentido em programas de rádio nocturnos, em Ribeiro J. da Silva et al., *Imagens da Cultura. Actas do VI Seminário Imagem da Cultura, Cultura das Imagens*, Ebook, Edição Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais – CEMRI – Universidade Aberta, Lisboa, pp. 122-130.
- Austin J. L. 1962, *How to do Things with words*, Clarendon Press, Oxford.
- Bakhtin M. 1993, *Toward a Philosophy of the Act*, University of Texas Press, Austin.
- Bilmes J. 1988, *Category and rule in Conversation Analysis*, em "IPRA Papers in Pragmatics 2", nº 1/2, pp. 25-59.
- Branco, C. Castelo 1862, *Amor de perdição: memorias d uma família*, N. Moré, Porto.
- Branco C. Castelo 1866, *A queda d'un anjo*, Imprensa de J.G. de Sousa Neves, Lisboa.
- Cole P. & Morgan J. 1975, *Syntax and semantics*, in "Speech acts", vol. 3, pp. 41-58.
- Duarte, I. M. 2005, *Falar claro a mentir*, em Rio-Torto G. M. et al. ("eds"), *Dar a Palavra à Língua - Homenagem a Mário Vilela*, FLUP, Porto, pp. 291-299.
- Duranti A. 2000, *Antropologia del linguaggio*, Maltemi, Roma.
- Escandell Vidal M. 1996, *Introducción a la pragmática*, Ariel, Barcelona.
- Faria I. H. et al. 1996, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Editorial Caminho, Lisboa.
- Fonseca J. 1992, *Elogio do Sucesso: a força da palavra/o poder do discurso* em Fonseca J., *Linguística e texto/discurso teoria, descrição, aplicação*, Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, pp. 315-375.
- Goffman E. 1955, *On Face-Works: An analysis of ritual elements in social interaction*, em "Psychiatry: Journal of Interpersonal Relations", 18:3, pp. 213-231.
- Goffman E. 1959, *The Presentation of Self in Everyday Life*, Doubleday, New York.
- Goffman E. 1969, *Strategic Interaction*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia.
- Grice H. P. 1975, *Logic and conversation*, em Cole P. and Morgan J., *Syntax and semantics*, Academic Press, New York, vol. 3, pp. 41-58.
- Gumperz J. 1980, *The sociolinguistic basis of speech act theory*, em "Versus, quaderni di studi semiotici", 26/27, pp. 101-121.
- Gumperz J. 1982, *Discourse strategies*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Gumperz J. 1989, *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*, L'Harmattan, La Réunion.
- Günther S. 2011, *The Construction of Emotional Involvement in Everyday German Narratives - Interactive Uses of 'Dense Constructions*, in "International Pragmatics Association. Pragmatics", 21:4, pp. 573-592.
- Jacques F. 1983, *La mise en communauté de l'énonciation*, em "Langages", nº. 70, vol. 18, pp. 47-71.
- Kafetzki E. 2009, *Aspects du dialogisme interdiscursif et interlocutif dans le débat politique télévisé*, em Mur C. ("ed."), *Polyphony and Intertextuality in Dialogue*, Dialogue Analysis XII, Barcelona, pp. 34-43.
- Kerbrat-Orecchioni C. 1986, "Nouvelle communication" et "analyse conversationnelle", em "Langue française", n. 70, pp. 7-25.
- Kerbrat-Orecchioni C. 1994, *Rhétorique et Pragmatique: les figures revisitées*, em "Langue française", n. 101, pp. 57-71.
- Lakoff R. 1990, *Talking Power: The Politics of Language in Our Lives*, HarperCollins, Glasgow.
- Macaulay R. K. S. 1987, *Polyphonic Monologues: quoted direct speech in oral narratives*, in "IPRA Papers in Pragmatics 1", nº 2, pp. 1-34.
- Mariottini L. 2007, *La cortesia*, Carocci editore, Roma.
- Marques M. A. 2008, *Quando a cortesia é agressiva*, em Oliveira F. & Duarte I. M. Duarte ("orgs."), *O Fascínio da Linguagem - Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, Centro de Linguística da Universidade do Porto, Porto, pp. 277-296.

- Mur C. (“ed.”) 2009, *Polyphony and Intertextuality in Dialogue*, Dialogue Analysis XII, Barcelona.
- Pinto M. Rebelo 2009, *Não há coincidências*, Oficina do Livro, Alfragide.
- Rawls A. 1987, *The interaction order sui generis: Goffman's contribution to social theory* em “Sociological theory”, vol. 5, Issue 2, pp. 136-199.
- Saraiva A. & Lopes Ó. 2010, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, Porto.
- Tzvetan T. 1990, *Genres in discourse*, Cambridge University Press, Cambridge.